

TRABALHOS CIENTÍFICOS EM PÔSTER ELETRÔNICO (TCPE) DERMATITES FÚNGICAS E PROTOTECÓTICAS

DERMATOFITOSE SUPERFICIAL PUSTULAR CAUSADA POR MICROSPORUM CANIS EM UM CÃO NA CIDADE DE JOÃO PESSOA – PB

AMADO, G.P.^{1*}; SOUZA, C.P.²; TORRES, S.M.F.²

1- Clínica Veterinária Animais em Pessoa – Dermatologia Veterinária. João Pessoa – PB – Brasil

2- University of Minnesota – College of Veterinary Medicine, Saint Paul MN, USA

E-mail: giulianoadn@yahoo.com.br

As dermatofitoses são infecções superficiais de tecidos queratinizados com apresentação clínica bastante variável em cães. O presente relato relata o aspecto lesional, bem como as alterações cito e histológicas em um caso de dermatofitose superficial pustular causada por *Microsporum canis*. Uma cadela, SRD, com um ano de idade, adotada da rua nos primeiros meses de vida, foi atendida em uma clínica veterinária no município de João Pessoa, PB. Ao exame clínico, apresentava lesões pustulares em pavilhões auriculares, região inguinal, jarrete e entre coxins plantares com poucos dias de evolução. No exame citológico, foram observadas células acantolíticas e elementos fúngicos. A biópsia foi selecionada como diagnóstico oportuno, devido à apresentação clínica que mimetizava o pênfigo foliáceo, ainda que a idade não fosse compatível com a doença auto-imune. O resultado histopatológico revelou na coloração de PAS a presença de hifas em hastes foliculares e na queratina superficial. Também foram evidenciadas áreas de exulceração e ulceração recobertas por crostas sero-celulares contendo grande quantidade de células acantolíticas. Uma cadela contactante da mesma residência e também adotada, apresentou na mesma ocasião lesões alopecias circunscritas e generalizadas, com maior intensidade na face e região torácica. Membros anteriores e posteriores também foram acometidos. A descamação estava presente, assim como prurido incessante, algo incomum em dermatofitose confirmada por cultura fúngica com identificação do agente *M. canis*. As duas cadelas foram tratadas com Itraconazol e banhos a cada quatro dias com xampus de clorexidina 2% e miconazol 2,5%. Na literatura pesquisada, não foi encontrado caso anterior de dermatite superficial pustular originada por *M. canis*. Os relatos desta dermatopatia fúngica, que se assemelha clínica e histologicamente ao pênfigo superficial, são normalmente causados por fungos do gênero *Trichophyton*, mas sabe-se que o *M. canis* também produz enzimas capazes de desencadear acantólise. Como esta é a espécie normalmente mais isolada em cães, é importante que seja lembrada como diagnóstico diferencial em todos os casos em que são observadas células acantolíticas, independente da apresentação clínica das lesões.

PITIOSE CUTÂNEA EQUINA NO ESTADO DE MATO GROSSO – RELATO DE CASOS

MUNHOZ, T.C.P.¹; CARVALHO, A.M.¹; GALIZA, G.J.N.¹; TOMA, H.S.¹; SANTOS, C. F.¹; BENETTI, A.H.^{*1}

1- Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Cuiabá - UNIC, Rua Itália, s/nº, Jardim Europa, Cep:78065-420, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil
E-mail: ahbenetti@hotmail.com

A pitiose é uma doença cutânea fúngica que acomete principalmente equídeos, no entanto há infecção gastrointestinal ou multissistêmica descrita em outras espécies como bovinos, caprinos, ovinos, caninos, felinos e humanos. Não há predisposição por sexo, idade, raça, nem há relato de transmissão direta entre animais, ou entre animais e humanos. Ocorre em todas as regiões do Brasil, com maior foco no Pantanal brasileiro e maior incidência entre os meses de outubro e março (período de chuva). Em equinos, o *Pythium insidiosum* causa lesões cutâneas granulomatosas e ulceradas, com secreção serossanguinolenta, prurido intenso e edema. No interior dos granulomas são observadas massas necróticas, denominados “*kunkers*”. Os locais mais afetados são a porção distal dos membros, a região toracoabdominal ventral e a cabeça. O diagnóstico da pitiose baseia-se nos dados clínicos confirmados por histopatologia, imunohistoquímica e isolamento do agente. No período de 2008 a 2014, foram atendidos no Hospital Veterinário da Universidade de Cuiabá/MT nove equinos, sem raças definidas, dos quais três fêmeas e seis machos, com idades entre dois anos e 14 anos e peso entre 268kg a 436kg. Todos os animais eram oriundos de propriedades com áreas alagadas, próximas ao pantanal, e apresentavam lesões granulomatosas, com bordas arredondadas, secreção serossanguinolenta e presença de “*kunkers*”, com evolução clínica entre 40 dias a três meses. Destes animais, quatro apresentavam lesão no membro posterior esquerdo. Dois equinos com lesão no membro posterior direito e um animal no membro anterior esquerdo. Os animais remanescentes possuíam lesões múltiplas pelo corpo. O diagnóstico foi baseado nos achados clínicos e no exame histopatológico. O tratamento instituído foi a excisão cirúrgica associada à perfusão regional intravenosa com anfotericina B. Resultado terapêutico satisfatório foi obtido na maioria dos animais, exceto em dois equídeos, nos quais, devido ao longo tempo de evolução e à gravidade da enfermidade, optou-se pela eutanásia. Este trabalho demonstra que o sucesso do tratamento é influenciado pelo tamanho, tempo e local das lesões.

ISOLAMENTO DE DERMATÓFITOS EM FELINOS ASSINTOMÁTICOS

LIMA, S.R.¹; SILVA, W.A.²; SILVEIRA, M.M.¹; DIECKMANN, A.M.³; NEVES, R.C.S.M.^{*4}

1- Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, UFMT, Cuiabá
2- Veterinário Autônomo, Cuiabá
3- Faculdade de Veterinária, UFF, Niterói
4- Hospital Veterinário, UFMT, Cuiabá
E-mail: nevesrita@hotmail.com.br

Dermatofitose é uma zoonose causada por fungos complexos que crescem como hifas e se fixam na pele superficial, pelos e unhas. Existem cerca de 40 espécies de fungos pertencentes aos gêneros *Microsporum*, *Trichophyton* e *Epidermophyton*, considerados dermatófitos e, destes, o mais isolado em gatos é o *Microsporum canis*. O presente trabalho investigou a ocorrência de dermatófitos em felinos, sem sinais clínicos de dermatopatias. No Hospital Veterinário Universitário, 50 gatos clinicamente saudáveis foram avaliados e submetidos ao exame físico e coleta de amostra para exame direto e cultura fúngica. Os dados foram avaliados por Teste de Associação Qui-quadrado. Dos 50 gatos, 11 (22%) apresentaram dermatófitos, com predomínio de *Microsporum spp.*, no isolamento fúngico. Os outros 39 animais foram diagnosticados com fungos não dermatófitos, sendo o *Aspergillus spp.* o mais frequente (88%). Não foi observada diferença estatística para sexo, raça ou presença de contactantes, mas houve predomínio de animais adultos. A elevada taxa de infecção por dermatófitos confirma que felinos sem sinais clínicos podem albergar estes fungos, atuando como carreadores assintomáticos e, conseqüentemente, contaminando o ambiente e elevando a taxa de infecção. O predomínio de animais adultos pode estar correlacionado com a ausência de sintomatologia, pois são animais imunocompetentes, portadores de efetivos mecanismos de defesa, celular, humoral e mecânico. Este trabalho confirma que gatos aparentemente saudáveis podem ser portadores de dermatofitose, fato que evidencia a importância de adoção de métodos de controle.

ASPECTOS CLÍNICOS DE CÃES COM ESPOROTRICOSE ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

LOPES, N.L.^{1*}; PEIXOTO, A.P.¹; FERREIRA, F.F.¹; COSTA, T.S.¹; PINTO, T.G.¹; LAGUNA, A.G.V.¹; BARBALHO, C.M.¹; FERNANDES, J.I.¹; RAMADINHA, R.R.¹

1- Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
E-mail: natloresvet@gmail.com

A esporotricose é uma micose pouco frequente em cães causada pelo fungo do Complexo *Sporothrix schenckii*. A infecção normalmente resulta da inoculação do agente no tecido subcutâneo. O presente trabalho descreve as alterações observadas em 13 cães diagnosticados com esporotricose atendidos no setor de dermatologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Os animais foram diagnosticados com o emprego de citologia, histopatologia com coloração PAS e cultura fúngica. Dos 13 animais examinados, oito eram machos (61,54%) e cinco fêmeas (38,46%). A idade variou de 1 a 12 anos. Quatro cães (30,77%) eram sem raça definida, três (23,07%) poodles e outras raças com um animal cada: chow-chow, dog alemão, fox paulistinha, pinscher, rottweiler e yorkshire (7,69%). As lesões tegumentares mais comumente observadas foram úlceras (n=9, 69,23%), nódulos e crostas (n=4, 30,77%) e alopecia (n=2, 15,38%). Outras alterações encontradas foram hipotricose, hiperemia, descamação e edema (n=1, 7,69% cada). Seis animais apresentaram acometimento da cavidade nasal (46,15%). Sete cães acometidos tiveram contato com felinos, e os proprietários afirmaram que desses animais, cinco tinham lesões cutâneas. Dois cães tinham livre acesso à rua. Nos casos em

que houve contato com gatos, esta foi a possível fonte de infecção, enquanto os demais animais podem ter se infectado pelo contato com o ambiente externo. No exame citológico só foi visualizada a presença de leveduras em dois casos, em um deles foi observado uma quantidade alta de leveduras e tratou-se de um cão que apresentava lesões generalizadas e também hemoparasitose. Afecções concomitantes têm sido relacionadas a lesões ricas em fungo nas formas severas da doença. Conclui-se que para ser firmado o diagnóstico da esporotricose em cães é importante ser considerado: o histórico do paciente analisando-se possíveis contatos com felinos ou ambientes propícios para o contágio; a caracterização das lesões cutâneas e os exames dermatológicos.

FUSARIOSE CUTÂNEA EM UM GATO COM INFECÇÃO RETROVIRAL: PRIMEIRO CASO NO BRASIL

SECHI, G.V.^{1*}; FARIAS, M.R.¹; LUCINA, S.B.¹; PACHECO, B.D.¹; KUNG, D.C.¹

1- Escola de ciências agrárias e medicina veterinária, PUCPR, São José dos Pinhais

E-mail: gisele.sechi@hotmail.com

Os fungos do gênero *Fusarium sp.* são oportunistas, comumente encontrados no solo como saprófitas ou fitopatógenos. A infecção é incomum em mamíferos, em humanos afeta principalmente indivíduos imunocomprometidos, ocasionando lesões cutâneas isoladas ou sistêmicas. Em cães e gatos o *F. Proliferatum* e *F. Solani* são os principais agentes da fusariose nos quais têm sido descritas infecções por inalação traumática, contaminação de lesão preexistente ou do leito ungueal a partir do ambiente, mormente em indivíduos imunocomprometidos. O presente trabalho relata o primeiro caso de fusariose cutânea felina no Brasil. Um gato macho, castrado, mestiço, 12 anos, extra-domiciliar, foi conduzido para atendimento com histórico de anorexia, emaciação e claudicação associado a um nódulo, circunscrito, de 5cm, violáceo e flutuante, na superfície flexora do carpo torácico direito. Uma paroníquia nodular, associada à onicodistrofia também foi observada no quinto dígito do mesmo membro. A avaliação radiográfica do membro não apresentou alterações. A avaliação citopatológica revelou inflamação piogranulomatosa associada a múltiplas hifas íntegras e fragmentadas. O exame dermatohistopatológico identificou a presença de uma dermatite piogranulomatosa de aspecto difuso na derme reticular, envolvendo hifas fragmentas PAS c/d positivas. Na cultura fúngica em ágar Sabouraud houve o crescimento de colônias irregulares, de coloração amarelada e de textura flocosa, com características macro e microscópicas compatíveis com *Fusarium sp.* Em conjunto foi realizada a dosagem de t4 livre que apresentou resultado normal e a PCR, que foi positiva para micoplasma hemotrópico e para infecção pelo vírus da imunodeficiência felina. Os exames laboratoriais do paciente constataram a existência de anemia discreta, elevação de ureia e creatinina e perda proteica urinária. O tratamento instituído com fluidoterapia, interferon, doxiciclina e itraconazol conduziu a melhora sintomato-lesional dois meses após seu início. Conclui-se que a imunossupressão pode ser um fator determinante para a ocorrência desta infecção fúngica oportunística e que a identificação precoce da fusariose e de comorbidades são de extrema importância para que não ocorra a disseminação do agente e o estabelecimento de quadros mórbidos fatais.